



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA ROSIVANIA PEREIRA FEITOSA DUARTE

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SERRA DO MEL (EFAMEL): produção de
identidades e construção dos sujeitos.**

MOSSORÓ

2019

MARIA ROSIVANIA PEREIRA FEITOSA DUARTE

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SERRA DO MEL (EFAMEL): produção de
identidades e construção dos sujeitos.**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kyara Maria de Almeida Vieira.

MOSSORÓ

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

D812e Duarte, Maria Rosivania Pereira Feitosa.
Escola Família Agrícola de Serra do Mel
(EFAMEL): Produção de identidades e construção dos
sujeitos.. / Maria Rosivania Pereira Feitosa
Duarte. - 2019.
47 f. : il.

Orientadora: Kyara Maria de Almeida Vieira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2019.

1. EFAs. 2. Pedagogia da Alternância. 3.
Identidade. 4. Educação do Campo. 5. Serra do Mel.
I. Vieira, Kyara Maria de Almeida, orient. II.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MARIA ROSIVANIA PEREIRA FEITOSA DUARTE

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SERRA DO MEL (EFAMEL): produção de
identidades e construção dos sujeitos.**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Educação do Campo,
com habilitação em Ciências Humanas e
Sociais.

Defendida em: 22 / 03 / 2019.

BANCA EXAMINADORA

Kyara Maria de Almeida Vieira
Prof.^a Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira
Presidente

Francisco Vieira da Silva
Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva (UFERSA)
Membro Examinador

Francisco Evânio Dantas Raposo
Prof. Ms. Francisco Evânio Dantas Raposo (EEMRG)
Membro Examinador

Dedico este trabalho a minha mãe Francisca Pereira Feitosa e ao meu pai Raimundo Nonato Feitosa, que dedicaram toda sua vida para o meu sucesso e de meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais Raimundo Nonato Feitosa e Francisca Pereira Feitosa pela educação e orientação que me proporcionaram ao longo da minha vida.

Agradeço aos meus filhos Victor Emanuel e Giovana, por serem meu incentivo e motivo para qualquer coisa que faço em prol de um futuro melhor.

Agradeço a meu esposo Manuel Duarte de Arruda, por ter estado ao meu lado me incentivando e possibilitando todo o meu percurso acadêmico.

Agradeço a minha Orientadora Kyara Maria de Almeida Vieira por sempre me indicar os melhores caminhos e procedimentos para a construção desse trabalho.

Agradeço à Banca Examinadora por aceitarem o convite para participação na avaliação do meu trabalho, com o intuito de aprimorá-lo.

Agradeço aos meus Amigos e colegas de sala de aula, em especial Marina Cintya e Julimária Freire que me ajudaram a suportar os percalços de uma graduação, incentivando, apoiando e confortando.

Partindo de uma perspectiva dialética de compreensão do homem e de suas relações sociais, é possível apontar que a “identidade” pode ser compreendida como constituição de sujeito, desde que seu significado esteja na direção daquilo que se faz aberto e inacabado. Nesta perspectiva, a subjetividade é uma dimensão deste sujeito, assim como a objetividade que, a partir das relações vivenciadas, se faz construtora de experiências afetivas e reflexivas, capaz de produzir significados singulares e coletivos.

Kátia Maheirie (2002, p.31)

RESUMO

Essa pesquisa tem o intuito de fazer um apanhado histórico sobre a extinta Escola Família Agrícola de Serra do Mel (EFAMEL), objetivando analisar se houveram contribuições deixadas por essa instituição para a construção da identidade dos sujeitos que nela estudaram, tendo como objetivos específicos: a) analisar o processo de fundação, implantação, organização e funcionamento da EFAMEL; b) discutir sobre quais eram suas práticas pedagógicas; c) investigar a relação da Escola com a produção da Identidade campesina dos/as ex-estudantes. A relevância desse trabalho justifica-se pela importância dessa Escola para o município de Serra do Mel-RN, durante seu funcionamento por pouco mais de uma década (1990-2002). Os caminhos metodológicos se iniciaram com pesquisas bibliográficas sobre as temáticas, onde tomei como base Nosella (2012), Teixeira; Bernartt e Trindade (2008), Chaves e Fochiera (2014) para falar sobre as EFAs; para discorrer sobre a Pedagogia da Alternância, dialoguei com Cordeiro; Reis e Hage (2011); para pensar sobre o conceito de Identidade, me amparei em Hall (2005), Maheirie (2002), Oliveira (2003) e Vieira (2006); para discutir acerca da produção de memórias, Albuquerque Jr. (1994), Bosi (1994) e Guimarães Neto (2005); sobre a metodologia de pesquisa, me embasei em Minayo (2002), Gil (2008) e Boni e Quarema (2005). Em seguida foram realizadas entrevistas semiestruturadas com ex-estudantes, ex-professores e o fundador dessa escola. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e tematizadas. As análises permitiram chegar à conclusão de que essa Escola teve influência na formação da identidade dos sujeitos que fizeram parte dessa experiência educacional, potencializando sua relação com o campo e tendo influências nas suas práticas profissionais e cotidianas.

Palavras-chave: EFAs. Pedagogia da Alternância. Identidade. Educação do Campo. Serra do Mel.

ABSTRACT

This research aims to make a historical survey of the extinct Serra do Mel Agricultural Family School (EFAMEL), aiming to analyze if there were contributions left by this institution to the construction of the identity of the subjects who studied there, with specific objectives: a) to analyze the process of foundation, deployment, organization and operation of EFAMEL; b) discussing their pedagogical practices; c) investigate the relationship of the School with the production of the peasant identity of the former students. The relevance of this work is justified by the importance of this School for the municipality of Serra do Mel-RN, during its operation for a little more than a decade (1990-2002). The methodological paths started with bibliographical research on the themes, where I took as a base Nosella (2012), Teixeira; Bernartt and Trindade (2008), Chaves and Fochiera (2014) to talk about EFAs; to discuss the Pedagogy of Alternation, I spoke to Cordeiro; Reis and Hage (2011); to think about the concept of Identity, I rely on Hall (2005), Maheirie (2002), Oliveira (2003) and Vieira (2006); to discuss about the production of memories, Albuquerque Jr. (1994), Bosi (1994) and Guimarães Neto (2005); on the methodology of research, I found myself in Minayo (2002), Gil (2008) and Boni and Quarema (2005). Semistructured interviews were then conducted with former students, former teachers and the founder of this school. After the interviews, they were transcribed and thematized. The analysis allowed us to reach the conclusion that this school influenced the formation of the identity of the subjects who were part of this educational experience, enhancing their relationship with the field and influencing their professional and daily practices.

Keywords: EFAs. Pedagogy of Alternation. Identity. Field Education. Serra do Mel.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	Escola Família Agrícola de Serra do Mel – EFAMEL, uma experiência educacional no Oeste Potiguar.....	15
2.1	Fundador e fundação	15
2.2	Estrutura e organização da EFAMEL	19
3	EFAMEL e sua prática pedagógica	22
4	Produção de identidades e construção dos sujeitos	28
4.1	Contribuições da EFAMEL para minha identidade	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICES	40
	ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

As primeiras Escolas Família Agrícola (EFAs) surgiram na França em 1935, partindo da iniciativa de pais que pretendiam solucionar problemas relacionados às questões do ensino regular, que eram direcionadas para os modelos urbanocêntricos de educação, levando os/as adolescentes camponeses/as a repudiarem a terra, desconstruindo a ideia suplantada de que o campo é um espaço de atraso. Utilizando a prática da Pedagogia da Alternância, método em que estudantes alternavam dias na escola e dias com a família, a primeira "Casa Familiar Rural", chamada de *Maison Familiale Rurale*, promoveu a oportunidade de aliar a teoria à prática por meio desta metodologia, cujo objetivo principal era proporcionar um ensino contextualizado com a vida desses povos. Dessa forma, foi possível suprir a necessidade educacional de camponeses/as que não tinham acesso à educação formal.

Em 1959, essa experiência das *Maisons Familiales* se expande para Verona, na Itália, onde sofreu algumas mudanças. Uma delas foi a mudança de nome, passando a se chamar *Escola Família Rural*, assim como também o regime de alternância que passou a ser quinze dias na escola, em semi-internato e quinze dias nas unidades familiares. Logo em seguida expande-se para outros continentes, como África, América Latina e América do Norte. No Brasil, as EFAs surgiram por volta do ano de 1969, já com o regime de alternância, ou seja, vivenciando tempo escola e tempo comunidade. O primeiro estado brasileiro a implantar esse modelo de escola foi o Espírito Santo sob a referência das *Maisons Italianas* de Castelfranco – Vêneto, expandindo-se depois para outros estados do Brasil.

Não muito diferente das demais experiências, a Escola Família Agrícola de Serra do Mel (EFAMEL) foi fundada em 1989, embora seu processo de planejamento e construção tenha tido início em 1986, para atender a uma necessidade educacional do referido município. Funcionou por pouco mais de uma década, atendendo a adolescentes e jovens camponeses/as. Foi idealizada por um padre italiano, José Venturelli¹, que conhecia a experiência da Itália e do Espírito Santo e tinha como objetivo principal viabilizar a permanência dos adolescentes e jovens no município, pois no ensino tradicional eles tinham que se deslocar de sua comunidade para a vila central (Vila Brasília), ou até mesmo cidades vizinhas, para ter acesso à educação.

O município Serra do Mel-RN apresentava algumas especificidades que dificultavam o acesso à educação naquela época. Segundo dados do IBGE, o referido município nasceu de

¹ Padre salesiano, fundador da Escola Família Agrícola de Serra do Mel-EFAMEL. Chegou ao Brasil em 1978, para uma missão da Inspetoria de Verona- Itália.

um projeto de colonização, idealizado na década de 1970, pelo então governador José Cortez Pereira de Araújo². Este projeto foi executado conforme o modelo de Moshav³ em Israel, que era um tipo de comunidade rural cooperativa. A finalidade do projeto de Serra do Mel-RN era fazer uma reforma agrária na região, doando lotes produtivos para agricultores sem-terra, além de absorver o grande contingente de salineiros desempregados devido a mecanização do trabalho das salinas⁴. Encontrava-se dividido em vilas comunitárias de produção, sendo 23 núcleos habitacionais (21 vilas rurais e 2 vilas centrais) que receberam, cada uma, o nome de um Estado Brasileiro. As agrovilas distam uma das outras, cinco (5) quilômetros, dificultando o acesso às escolas, que na época só existiam na vila central. Neste contexto surge a EFAMEL que minimizou essas dificuldades de acesso à escola, já que funcionava em regime de semi-internato e os/as estudantes necessitariam se deslocarem de casa apenas uma vez por semana.

Considerando as dificuldades educacionais do município de Serra do Mel-RN, como objetivo principal desse trabalho, interessa-nos analisar as contribuições da EFAMEL para a formação da identidade campesina de seus ex-estudantes e para sua construção enquanto cidadãos. Para tanto nossos objetivos específicos são: a) analisar o processo de fundação, implantação, organização e funcionamento da EFAMEL; b) discutir suas práticas pedagógicas; e c) investigar a relação entre sua experiência e a produção da Identidade campesina dos(as) ex-estudantes.

O interesse por essa problemática surgiu primeiramente pelo fato de ter feito parte dessa educação alternativa promovida pela EFAMEL, já que fui estudante dessa instituição de ensino⁵. Dessa forma, essa pesquisa justifica-se não só pelo argumento exposto acima, como também, pelo motivo de ser o primeiro trabalho sobre a EFAMEL, que busca não só contribuir com o registro da história desta instituição, assim como, analisar as relações dos sujeitos que passaram por ela.

Para alcançar o objetivo desse trabalho, recorri a análise do passado, considerando que a EFAMEL, escola investigada, foi desativada no ano de 2002. Dessa forma, levei em

²José Cortez Pereira de Araújo governou o Rio Grande do Norte no período de 1970 a 1974 (LIMA, 2003, p. 5).

³São colônias baseadas no princípio da célula familiar e na propriedade privada (RODRIGUES, 1964, p. 85).

⁴A região salineira do Rio Grande do Norte compreende os municípios de Areia Branca, Mossoró, Grossos, Galinhos, Guamaré e Macau. As “Agrovilas da Serra do Mel” (na época zona rural de Mossoró) foram alguns dos destinos dos milhares de trabalhadores desempregados pela mecanização da produção salineira potiguar (GALVÃO, 2016, p.7).

⁵Embora sabendo que nenhum trabalho acadêmico é feito na solidão e sem ajuda de outras pessoas; embora sabendo do uso comum do pronome “nós”, decidi usar o pronome “eu” por uma escolha política, afim de marcar a importância da escrita de autoria feminina na produção científica.

conta o processo histórico dessa Escola e a análise pautada na narrativa dos sujeitos que a frequentaram. Optei pela pesquisa de campo, de caráter qualitativa, pois segundo Minayo (2002, p. 22) “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...) Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.” Como técnica de pesquisa utilizei a entrevista semiestruturada (ver apêndices A, B e C), por se tratar de apreender a realidade por meio de relatos de experiência e vivências das pessoas que fizeram parte dos processos da EFAMEL (criação, desenvolvimento e fechamento).

As entrevistas foram realizadas com quatro ex-estudantes, sendo duas mulheres e dois homens, com dois ex-professores e com o fundador da referida Escola. O motivo de escolha dos/as ex-estudantes entrevistados/as, se deu à facilidade de contato, pois residem no município de Serra do Mel/RN, onde moro. No caso do ex-professor e da ex-professora, a escolha partiu do fato de terem sido os primeiros professores dessa escola, além de morarem em um município vizinho de Serra do Mel, Mossoró/RN. O contato foi feito por meio de telefone, onde foi marcada a entrevista. Sendo realizadas na residência dos/as entrevistados/as, com exceção do fundador da EFAMEL, este que foi entrevistado na sede da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do município de Areia Branca/RN.

Foi feita a solicitação da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a gravação da entrevista e publicação de trechos de suas falas no presente trabalho. Depois de realizadas, as entrevistas foram transcritas e tematizadas.

No decorrer da pesquisa, embasei-me em alguns/as teóricos/as que me permitiram compreender conceitos e ideias chaves mencionadas nesse trabalho, como Nosella (2012), que me ajudou a conhecer o processo de surgimentos das EFAs no mundo e no Brasil, assim como Teixeira; Bernartt; e Trindade (2008), Chaves e Foschiera (2014). Para entender a Pedagogia da Alternância, prática usada pelas EFAs, amparei-me em Cordeiro; Reis; e Hage (2011). Para discutir a categoria identidade busquei fundamentação teórica em Hall (2005), Maheirie (2002), e também Vieira (2006). Dialoguei com Albuquerque Júnior (1994), Bosi (1993) e Guimarães Neto (2005) para discutir o conceito e a importância das memórias individuais e coletivas. Assim como utilizei Boni e Quaresma (2005) para tratar dos tipos de entrevistas, Minayo (2002) e Gil (2008), embasaram a discussão sobre metodologia de pesquisa.

Esse trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo abordei o processo de fundação, implantação e funcionamento da EFAMEL, tomando como base a memória e o relato do fundador dessa Escola, o padre José Venturelli. No segundo capítulo, foi feita uma abordagem sobre a prática pedagógica da EFAMEL, pautada na Pedagogia da

Alternância, a partir do relato dos ex-docentes e ex-discentes entrevistados/as, onde tracei um perfil do/da estudante da Escola Família Agrícola. No terceiro capítulo, tratei de conceituar a categoria identidade, pois, o objetivo deste capítulo é perceber as contribuições da EFAMEL para a formação de identidade campesina dos sujeitos envolvidos nesse processo. Por fim, as considerações finais desse trabalho, onde trago o resultado da pesquisa, a partir do cruzamento dos teóricos citados com os relatos dos sujeitos pesquisados ao longo desse estudo. Enfatizando a importância da EFAMEL para a construção da identidade campesina dos sujeitos atendidos nessa Escola.

2 ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SERRA DO MEL – EFAMEL, UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL NO OESTE POTIGUAR.

Neste capítulo trarei uma análise do processo de fundação, implantação, organização e funcionamento da escola, com o objetivo de caracterizá-la e descrevê-la, a fim de que se faça um panorama de sua existência.

2.1 Fundador e fundação

Antes de discorrer sobre o processo de fundação, interessa-me apresentar quem foi o idealizador e fundador da Escola estudada. A EFAMEL foi fundada em 1989, e iniciou as aulas em 1990. Foi idealizada e fundada pelo um padre italiano que vinha de uma experiência salesiana⁶, tendo se ordenado padre em 1972 e chegado ao Brasil em 1978. Recém-formado em Sociologia, em Trento na Itália, com uma tese sobre pescadores do Nordeste, Padre José Venturelli⁷, veio para o Brasil em uma missão da Inspetoria de Verona, a qual pertencia, junto com outros padres salesianos, para a cidade de Areia Branca-RN⁸, com o objetivo de evangelizar e desenvolver projetos de cunho social e religioso.

Ao chegar em Areia Branca-RN, padre José Venturelli e seus colegas, o padre Bernardo Roana, padre Breno Guastalla e um salesiano coadjutor⁹ o irmão Antônio Cebin, começaram a enfrentar os primeiros desafios, deparando-se com uma situação de tensão, em Morro Pintado, comunidade do litoral daquele município. Latifundiários tentavam expulsar famílias que há muito tempo moravam nas terras do referido morro. Diante dessa situação, juntamente com o Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Areia Branca, organizaram um movimento de resistência e entraram com um processo na justiça, alegando direito às terras em questão, vencendo o processo e permitindo que as famílias continuassem nessa região.

Ainda no ano de sua chegada, próximo ao Natal de 1978, padre José Venturelli foi enviado ao projeto Serra do Mel-RN, que nessa época tinha parte do seu território pertencente

⁶ Congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada em 1859 por São João Bosco. O público alvo de suas ações é composto jovens principalmente pobres e em situações de riscos (MONTERO, 2007, p. 50).

⁷ Em entrevista concedida no dia 06 de junho de 2018.

⁸ Município que se encontra a 330 km da capital do estado do Rio Grande do Norte, Natal, localizado no litoral Norte do RN, na região da Costa Branca (*Fonte: IBGE*)

⁹ Membro da Congregação Salesiana, exerce o papel de religioso e também de educador. Faz o Aspirantado, o noviciado e os votos, como os eclesiásticos (SILVA, 2005, p. 18).

à Areia Branca¹⁰, para formação e preparação de catequistas e animadores. Ao chegar em Serra do Mel deparou-se com um espaço onde se fazia necessário um trabalho de mobilização e animação para o desenvolvimento daquele lugar, que estava apenas começando, ainda com suas vilas em processo de colonização. Juntamente com o agrônomo Crispiniano Neto e o professor Aécio Cândido, padre José Venturelli, começou a planejar ações para o desenvolvimento deste lugar, e a partir dessas conversas nasceu o Grupo de Estudos e Ação Social – GEAS, com o objetivo de agrupar pessoas preparadas e organizadas para lutar por melhorias para o Projeto de Serra do Mel e que fizessem com que o objetivo do Projeto fosse alcançado, ou seja, que as pessoas que ali morassem tivessem condições de ali permanecer.

O GEAS, sob comando de Padre José, promoveu muitas conquistas para o povo de Serra do Mel. Faziam o trabalho de conscientização dos direitos dos colonos, assim como denunciavam descasos e desmandos políticos e reivindicavam melhorias para os moradores, através de um Programa intitulado “A Voz da Serra”, em uma Rádio AM de Mossoró, a Rádio Rural¹¹. Esse Grupo agia em parceria com a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, do município de Areia Branca/RN, sendo a partir dele que surgiu a ideia de criação de uma Escola Família Agrícola em Serra do Mel.

O contexto educacional encontrado no município era bastante complexo e desafiador. O único ensino oferecido nas vilas rurais era de 1ª a 4ª série¹², sendo que, para continuar os estudos, as crianças e adolescentes eram obrigadas a se deslocar de suas comunidades para o centro do município, em situações precárias de transportes, como em tratores com carroções, ou até mesmo a pé. Alguns estudantes que moravam nas vilas mais distantes percorriam até 20 quilômetros para chegar a escola nessas condições e tudo isso acarretava muita evasão escolar e comprometia o rendimento de estudantes que perseveravam.

Sensibilizado com essa situação e conhecedor de outras experiências de Escola Família Agrícola (EFA), tanto na Itália quanto aqui no Brasil, Padre José Venturelli, juntamente com os seus colaboradores do GEAS, tiveram, então, a ideia de fundar uma EFA na Serra do Mel, acreditando ser essa a solução para o problema do deslocamento dos/das estudantes das vilas para a escola, já que a EFA funcionaria com tempo de alternância que compreendia quinze dias de tempo escola (tempo de estudo na escola) e quinze dias de tempo

¹⁰ No dia 13 de maio de 1988, de acordo com a Lei nº 803, Serra do Mel conseguiu sua autonomia política, teve suas terras desmembradas de Assú, Areia Branca, Carnaubais e Mossoró e tornou-se um novo município do Rio Grande do Norte (*Fonte*: IBGE).

¹¹ Emissora AM fundada em 1963, pertencente à Fundação Santa Luzia de Mossoró-RN da Diocese de mesmo nome. (*Fonte*: www.ruraldemossoró.com.br)

¹² Referentes aos atuais 1º ao 5º ano, sancionado pela Lei 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, que regulamenta a ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos e o divide em etapas de ensino. (*Fonte*: www.planalto.gov.br).

comunidade (tempo com a família e comunidade). Dessa forma, os/as estudantes só precisavam fazer o trajeto de casa para a escola uma vez por semana, considerando que passavam o final de semana em casa e retornavam na segunda-feira.

Gestada a ideia, era necessário elaborar o projeto e buscar recursos para concretizá-lo. Com a ajuda de seu primo e também padre, João Venturelli, o padre José elaborou todo o projeto da Escola Família Agrícola de Serra do Mel – EFAMEL: “Em uma hora e meia nós bolamos o projeto, o Padre João pegou a máquina de escrever, aquelas máquinas de escrever eletrônicas daquele tempo, tínhamos comprado uma, digitou todinho, fui vendo, olhando, revisamos, pronto.” (Padre José Venturelli).

Mas, nem tudo foi fácil após a elaboração do projeto:

Apresentamos o projeto, éramos três naquele tempo, o Padre João, eu e o Padre Carlos Vitar, que ele foi contra. Ele nem olhou o projeto, deixamos uma semana na mesa dele, mas eu entreguei na mão dele, depois botou lá na mesa e ficou lá uma semana. Uma semana depois fui pegar para mandar para Itália, conversamos um pouco, com todo respeito, mas, né? Ele: Hum! Mais tarde ele levou pra lá um recadinho para que não me mandassem o dinheiro. (VENTURELLI, 2018)

No entanto, isso não impediu que Padre José Venturelli levasse o Projeto para a Itália a fim de conseguir os recursos financeiros para construção da EFAMEL. Em entrevista realizada em 06 de junho de 2018, no município de Areia Branca-RN, pela autora Rosivania Feitosa e pela professora Kyara Almeida, padre José conta que os recursos financeiros para construção da EFAMEL foram advindos, quase totalmente da Itália:

[...] apareceu a hipótese de um apoio, vindo da Itália, sugerido pela nossa Inspeção de Verona, uma hipótese de alguma coisa que permitisse se desenvolver, e nós sentimos que a ideia de uma Escola Agrícola, para os jovens se situarem no campo, para eles terem competência no trabalho deles no campo, ia ser possível então. [...] Então, pensamos na Escola Agrícola, se conversou entre nós, se planejou um pouco, se avaliou, até que diante das insistências de apresentar logo, rapidinho, um projeto, nós sentamos aqui, o Padre João Venturelli e eu, e numa hora e meia a gente bolou o projeto todo. (VENTURELLI, 2018)

Padre José nos conta que ainda enfrentou alguns obstáculos para concretizar o seu sonho de ver construída a Escola, como a incredulidade das pessoas quanto a construção e continuação da mesma, o posicionamento contrário de alguns colegas, a documentação do terreno onde foi construída a Escola. Foram muitos os embates, mas também foi muita a esperança, a persistência e a teimosia. Percebe-se ao longo das falas de Padre José que as

providências tomadas para concretização de tal projeto partiram do seu interesse e de seu esforço próprio.

Na contrapartida, de acordo com Menezes (2013), as Escolas Família Agrícola que surgiram no Espírito Santo formaram uma associação, embora tenha se dissolvido com o tempo, com o objetivo de discutir e encaminhar questões como a formação dos monitores, a gestão da escola, orientação sobre as legislações que regem a educação, entre outros aspectos, ou seja, as EFAs foram construídas e planejadas de acordo com o interesse da comunidade. Diferentemente dessas experiências do Espírito Santo, a EFAMEL não foi sonhada e planejada com a comunidade do município de Serra do Mel.

A fala do professor Fernando¹³ discorre sobre a EFAMEL:

[...] foi uma escola que nasceu não da vontade da comunidade, né? Assim, eu sempre disse isso, é, a escola da Serra ela nasceu mais da vontade de Padre José do que da própria comunidade da Serra do Mel, né? E por isso que a escola sempre foi conhecida como a escola de Padre José, porque foi ele que fez todo processo, ele arranhou o dinheiro, fez projeto, ele foi quem construiu, e foi ele que sustentou a escola, durante todo o período em que ela esteve funcionando, essa foi a questão (Fernando, 2018).

A construção da EFAMEL foi concluída em apenas quatro meses, sendo complementada ao longo dos anos de sua existência (ver Anexo A). Concluída a estrutura física da Escola, era necessário agora a formação de contingente humano para gerir e lecionar. Pensando nisso, padre José enviou ao Estado do Espírito Santo, um casal de agrônomos que demonstraram interesse em fazer parte dessa experiência, para que vissem de perto como funcionava uma EFA, para então repassar o que aprenderam aos/as demais professores/as e funcionários/as da EFAMEL. Este casal passou três meses em formação, aprendendo, experienciando e observando como funcionava uma EFA, em seus mais variados aspectos.

A contratação dos/as demais professores/as ocorreu paulatinamente, de acordo com a necessidade. Ao longo de sua existência professores/as deixaram a Escola, por diversos motivos e foram sendo contratados outros/as, essa contratação ocorria através de indicações, entrevistas e análise do currículo.

No próximo item descreverei a estrutura física da EFAMEL, bem como, a sua organização.

¹³ Ex-professor da Escola Família Agrícola de Serra do Mel (EFAMEL), em entrevista concedida a discente Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, no dia 02 de agosto de 2018, do qual foi preservada sua identidade, com o uso de um pseudônimo. O mesmo, após saída da Escola, fez parte de movimento cooperativista em Mossoró-RN.

2.2 Estrutura e organização da EFAMEL

A estrutura física da EFAMEL foi pensada de modo a atender as necessidades da sua logística de funcionamento, que deveria comportar os/as estudantes: era composta por dois dormitórios, um feminino e um masculino, que compreendia o espaço para camas e armários, banheiros e uma lavanderia. Havia também dois alojamentos para professores/as, um refeitório, uma cozinha com dispensa, duas salas de aula, um grande salão para reuniões e eventos, um laboratório, uma sala para diretoria e secretaria, uma biblioteca, três banheiros nos corredores, dois armazéns para guardar ferramentas e instrumentos de trabalho (Ver anexo B).

Além do prédio principal descrito acima (ver anexo C), a escola também tinha uma casa para os/as diretores/as, armazéns de estocagem de materiais para plantio e manejo dos animais. Tinha uma pocilga, apiário, aprisco, galinheiro, currais. Também havia garagens para tratores e máquinas agrícolas, além de quatro cisternas para armazenar água da chuva, pois água encanada era escassa no município de Serra do Mel naquela época. O projeto da EFAMEL foi feito de modo a permitir o ensino prático das atividades agrícolas, desenvolvidas por mães e pais dos/as estudantes nas comunidades e, conseqüentemente, por eles/as mesmos/as, levando em conta que naquela época o trabalho agrícola desse município era basicamente familiar.

A EFAMEL ofertava o ensino de 5ª a 8ª série (que corresponde do 6º ao 9º ano atual)¹⁴. Seu ensino era organizado de acordo com a Pedagogia da Alternância, que especificaremos melhor no decorrer deste trabalho, sendo que em uma quinzena ficavam no tempo escola as turmas da 5ª e 6ª série, e na quinzena seguinte ficavam as turmas da 7ª e 8ª série. Nesse período, os estudantes tinham dois turnos de aula, o matutino e o vespertino, para compensar os quinze dias que ficariam em casa (tempo comunidade). Além de terem aulas práticas ao final da tarde, que incluía o manejo dos animais, das plantas, entre outras atividades (ver anexo D). Aconteciam também os serões noturnos, que podiam ser aulas de reforço ou atividades lúdicas e de lazer (ver anexo E).

O trabalho de organização e manutenção do espaço da Escola era feito pelos próprios/as educandos/as, como: limpar as salas de aula, cozinha, refeitórios e dormitórios, lavar a louça, lavar os banheiros, preparar o café da manhã, pois a cozinheira só chegava após

¹⁴ Após sanção da Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade (*Fonte: www.planalto.gov.br*).

essa refeição. Para tanto, a cada novo tempo escola (período em que os alunos estavam na escola), era feita a divisão das tarefas, por equipes (como lavar as panelas, preparar o café da manhã, limpar as salas de aula e etc.). E individualmente, nas tarefas mais leves (como lavar os panos de prato, varrer os corredores e etc.).

Todo o ensino, práticas e atividades realizadas na Escola tinha um caráter religioso: como a Escola pertencia a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Areia Branca/RN, tinha uma influência direta da Igreja Católica no seu cotidiano, como, por exemplo, o hábito de fazer orações antes de todas as refeições. Era designado uma equipe de estudantes para preparação das orações, que incluíam cânticos, orações de agradecimentos e leitura da Bíblia. Era realizado na Escola, com frequência, missas e encontros de formação de catequistas, assim como outros grandes eventos da Igreja Católica da Serra do Mel, a exemplo da realização de Primeira Eucaristia¹⁵.

As práticas presentes no cotidiano escolar da EFAMEL refletiam a forte influência da Igreja Católica na educação brasileira. Segundo Oliveira (2004), a educação brasileira sempre esteve a cargo ou sob influência da Igreja Católica, que emerge a partir da chegada da ordem dos jesuítas no Brasil em 1549, com o objetivo de catequizar os povos nativos e educar a elite colonizadora, perpetuando-se com a fundação de colégios religiosos e seminários, presentes em quase todo o Brasil. Sendo assim, a EFAMEL, por ser uma escola fundada e mantida por uma congregação da igreja católica, tinha seu ensino pautado em condutas e ensinamentos religiosos.

Essa Escola também funcionava como um centro de formação, encontros e eventos diversos, por disponibilizar de espaço amplo, e estrutura para acomodar pessoas. Além dos encontros de catequistas, eram realizados encontros de planejamento anual do município, reuniões com bancos sobre financiamentos, custeios e etc. Devido ao município não disponibilizar de um local adequado e amplo para grandes eventos e encontros, a EFAMEL era sempre solicitada para acolher a população e seus interesses. Dessa forma, fazia o papel não só de promoção da educação formal, como também da educação informal, do trabalho de mobilização, sempre em busca do desenvolvimento de Serra do Mel.

O quadro de funcionários/as da Escola era composto por uma cozinheira, responsável por preparar as refeições (exceto o café da manhã), dois auxiliares de serviços gerais, encarregados de cuidar dos animais e da preparação da terra para cultivos diversos e ainda por

¹⁵ Sacramento da Igreja Católica Apostólica Romana que consiste na primeira vez em que o cristão recebe o corpo e o sangue de Cristo, representado pelo pão e vinho. Disponível em <www.multimidea.opusdei.org> , acesso em 25 de março de 2018.

professores/as, cuja quantidade variava de acordo com a necessidade do momento, pois o/a professor/a lecionava mais de uma disciplina, de acordo com sua disponibilidade e capacitação. No entanto, não era exigido dos/as professores/as o ensino superior na área em que iriam lecionar, pois ao final da década de 1980 ainda não era exigida a graduação para docência. Sendo assim, a maioria dos/as professores/as da EFAMEL não tinham ensino superior, somente tinham o segundo grau completo (atual Ensino Médio) e a vontade de atuar no projeto.

A EFAMEL era mantida financeiramente por convênios com a Prefeitura Municipal de Serra do Mel, que se encarregava do repasse da merenda escolar, por doações de pais e mães de estudantes que doavam parte do feijão que produziam para ajudar na alimentação dos/as filhos/as; e pela paróquia de Nossa senhora da Conceição de Areia Branca/RN que se encarregava do pagamento dos salários dos/as professores/as e funcionários/as. Também era produzido na Escola leite de cabra e de gado, queijo, algumas frutas, feijão e verduras, que servia tanto para o autoconsumo dos/as estudantes, como também para venda do excedente.

Antes de seu fechamento a EFAMEL passou pelo processo de estadualização, sendo que em 2003 foi doada para uma instituição que trata da recuperação de dependentes químicos, hoje denominada como Fazenda da Esperança.

Após apresentar a Escola Família Agrícola de Serra do Mel – EFAMEL, em seus aspectos mais básicos, como estrutura física, organização e funcionamento, no capítulo seguinte analisarei a sua prática pedagógica e os referenciais que a orientava.

3 EFAMEL E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Introduzo este capítulo com a definição de um relevante conceito para o meu trabalho, que é a Escola Família Agrícola (EFA). Segundo Nosella (2012, p.45) as Escolas Famílias Agrícolas nascem de uma ideia alternativa ao contexto educacional vivido na França no período da década de 1930. Sendo assim:

A história das Escolas-Família é antes de tudo a história de uma ideia, ou melhor, a história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, contra tudo e contra todos. Foi a convicção de um homem, filho de camponês, que por toda a sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior francês, compartilhando a mesma vida, carregando o mesmo passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões. Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico (NOSELLA, 2012, p.45).

As EFAs nascem de uma realidade vivenciada no cotidiano campesino, ou seja, da necessidade de romper com paradigmas urbanos que não convém ao sujeito do campo. O que acontece ainda nos dias atuais, onde é oferecida para as crianças e jovens camponeses/as uma escola NO campo, localizada no espaço campesino, e não uma escola DO campo, que considere as especificidades desse espaço, em que o ensino seja contextualizado com as práticas e vivências desse lugar.

Esse foi o contexto de fundação, também, da EFAMEL, que considerando a incoerência do ensino ofertado para os jovens de Serra do Mel-RN, propôs uma educação alternativa que considerasse as necessidades dos educandos. As Escolas Família Agrícolas se referem à uma educação escolar que atende as particularidades psicossociais dos jovens, propiciando uma profissionalização em atividades agrícolas, assim como também o desenvolvimento social e econômico da região onde os mesmos estão inseridos, (TEIXEIRA; BERNARTT; TRINDADE, 2008). Dessa forma, a EFAMEL buscou proporcionar aos seus estudantes a oportunidade de despertar o interesse pelas atividades agrícolas, as quais suas famílias já praticavam, a fim de buscar uma profissionalização que contribuiria para sua permanência no campo, junto a sua família.

De acordo com Chaves e Foschiera (2014, p. 87): “[...] as EFAs direcionam sua prática educativa para a formação escolar, sem deixar de praticar o trabalho agrícola, porém dando menos ênfase a mesma, o que atende a uma formação mais escolar que agrícola”. Assim sendo, as EFAs respondem à formação como as escolas não agrícolas. No entanto, esta

escola também incentiva o aprendizado de aspectos da agricultura, aliando teoria e prática. Os ensinamentos iam desde a origem da agricultura e pecuária no Brasil até as diferentes formas de cultivos e criações de acordo com sua adequabilidade a determinadas regiões¹⁶.

Em entrevista, o fundador da EFAMEL refere-se ao modelo de ensino e a como deveriam ser as disciplinas em uma EFA:

[...] o modelo Escola Família Agrícola é um modelo que deveria centralizar todas as disciplinas ao redor da experiência dos alunos com seus pais. Então, a Matemática teria que ajudar a fazer todos os cálculos e etc., que os pais têm que fazer, um financiamento no banco, uma coisa assim, é num empréstimo, numa compra e tudo mais, tá? A Geografia, teria que ser uma Geografia que ajuda a entender a sua terra afinal, no mundo, essa terra que tem essas características. A História deveria conseguir entender a situação do povo trabalhador, agricultor. Claro, estuda tudo que se estuda em outros cantos, e até melhor, com o incentivo a pesquisar. (Venturelli, 2018)

Dessa forma, o ensino proporcionado na EFAMEL era em grande medida, condizente com a realidade dos/as estudantes do município de Serra do Mel-RN, pois o conteúdo era lecionado a partir da vivência dos/as mesmos/as, considerando que a maioria deles/delas eram filhos/as de agricultores, que viviam quase exclusivamente da cajucultura, conseqüentemente proporcionando um melhor entendimento acerca do contexto histórico, econômico e social que envolve a agricultura e esse tipo de cultivo e ainda capacitando-os/as a desenvolverem juntamente com sua família essas e outras atividades aprendidas na Escola, evitando, assim, o êxodo rural. Em relação a isso, o professor Fernando afirma:

[...] essa Pedagogia de Alternância é interessante, porque a ideia da escola família era fazer com que, é (...) o pessoal que fosse pra escola permanecesse no campo, né? Porque pra evitar o êxodo, né? [...] a escola tinha o objetivo de mostrar é, pra aqueles alunos a que era viável se ficar na terra, trabalhar na terra, era possível viver bem trabalhando, né? No sítio. Sem precisar ir embora, era essa a ideia. E lá na Serra, principalmente porque você sabe como é a realidade da Serra, né? De vilas, distantes, muito longe, etc. e tal. (Fernando, 2018).

Além do ensino contextualizado, as EFAs, incluindo a EFAMEL, tinham como metodologia e princípio a Pedagogia da Alternância, citada acima, da qual os autores Teixeira; Bernartt e Trindade (2008) definem seu significado da seguinte forma:

¹⁶ Segundo entrevistados, essa Escola tinha em seu currículo duas disciplinas específicas para atender a esse objetivo, eram elas Agricultura e Zootecnia, que concentravam as técnicas de manejo de diversas culturas e variados animais.

A Pedagogia da Alternância consiste numa metodologia de organização do ensino escolar que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, tendo como finalidade uma formação profissional. Esse método começou a tomar forma em 1935 a partir das insatisfações de um pequeno grupo de agricultores franceses com o sistema educacional de seu país, o qual não atendia, a seu ver, as especificidades da Educação para o meio rural. (...) A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos (TEIXEIRA; BERNARTT e TRINDADE, 2008, pp. 227; 229).

Dessa forma, a EFAMEL buscava sempre considerar o meio em qual os/as educandos/as estavam inseridos/as, aliando suas próprias experiências com o saber científico e sistematizado adquirido na escola. Para tanto, eram feitas pesquisas pelos/as estudantes em suas comunidades, assim como a inserção de novas experiências agrícolas e pecuárias em suas unidades familiares de produção, além do que, a alternância entre tempo escola e tempo comunidade possibilitava o intercâmbio entre comunidade e escola.

A respeito desse intercâmbio, Nosella (2012, p.19-20) destaca:

Com efeito, trata-se de uma metodologia que criou uma didática específica para articular dialeticamente os saberes escolares com os saberes da experiência fora da escola. Assim trata-se de uma metodologia nascida do meio rural, mas que o transcende, pois, toda relação pedagógica é uma dialética integradora entre o saber escolar e os saberes da vida. Por isso, mais que uma nova metodologia, trata-se de um sistema escolar.

Esses saberes que se articulam vão desde os conhecimentos específicos e necessários de cada disciplina aos saberes adquiridos com a experiência cotidiana da produção familiar a qual os/as estudantes se relacionam na sua família e na sua comunidade. Esse sistema escolar possibilitava que o/a estudante valorize seu “lugar”, devido ao ensino contextualizado, mas também o/a permite transcender seu espaço de vivência, de relações. A esse respeito, Cordeiro; Reis e Hage (2011, p.120) dizem que a Pedagogia da Alternância é “[...] uma metodologia que favorece o acesso e a permanência dos jovens e adultos do campo nos processos escolares, antes dificultada por sua característica seriada e estanque, sem articulação com a realidade e os modos de vida rural”.

A alternância possibilita que os/as estudantes possam conciliar a escola com o trabalho. Uma das maiores causas de evasão e desistência no município de Serra do Mel- RN era a necessidade dos/as jovens ajudarem no trabalho da família. Nesse contexto, a EFAMEL

foi fundada e baseada nessa metodologia com o propósito de atender as necessidades específicas de quem vive e trabalha no campo, podendo ser dividido o tempo dos/as jovens em tempo de estudo, na escola, e tempo de trabalho, na unidade de produção familiar, trabalho esse que poderia ser convertido em pesquisa de campo, momento em que é possível colocar em prática a teoria aprendida na escola. Nesse sentido, nos dizem Cordeiro; Reis e Hage (2011, p.115) “Essa experiência educativa articula diferentes espaços e tempos educativos, teoria e prática, ensino e pesquisa, trabalho e educação, escola e comunidade visando garantir o direito à educação dos sujeitos do campo”.

No entanto, a Pedagogia da Alternância traz alguns desafios para os sujeitos envolvidos: estudantes, professores, gestores e comunidade. Devido ao seu caráter de semi-internato, acabava por surgir alguns embates de pensamentos e comportamentos, resultando, assim, em situações conflituosas entre educandos, educadores e comunidade. Em entrevista realizada com a ex-professora da EFAMEL, Maria¹⁷, a mesma relata sua experiência:

É uma coisa que eu acho que é muito séria era questão da, da convivência, né? Era tanto que a gente tinha que dormir lá, porque jovens, olha aí, homens e mulheres, né? (...)E a gente tinha muito medo, pense numa coisa que eu tinha medo, porque se, já pensou se sáísse alguma aluna grávida de lá? De quem era a responsabilidade? Tudo criança, porque eram crianças, né? Tudo jovem, muito jovens, né? Então foi uma coisa assim que me aperreava demais. É a gente, a preocupação, né? Os filhos dos outros. Os da gente, a gente já tem preocupação, imagine quando é dos outros, né? (Maria, 2018).

A responsabilidade pela educação e conduta desses/as estudantes, devido ao convívio intenso e diário, era muito grande: os professores faziam o papel de pais e de mestres, ao mesmo tempo em que mediava o processo de ensino e aprendizagem; tinham que educar no que diz respeito a comportamentos e orientação nos mais variados aspectos da vida, como sexualidade, relações pessoais, cuidados com o corpo e etc., pois, os/as estudantes passavam muito tempo na Escola, longe do convívio familiar. Nesse tipo de pedagogia com o uso da alternância, ocorriam situações adversas como discussões entre estudantes, problemas de indisciplina e desobediência às regras. Enfim, muitos eram os problemas para os/as professores/as resolverem, além das atividades relacionadas às disciplinas que lecionavam. Dessa forma, os/as docentes acabavam ficando muito sobrecarregados/as e isso refletia no sucesso do projeto de ensino que previa o acompanhamento das atividades dos/as estudantes

¹⁷ Maria Rodrigues, ex-professora da EFAMEL em entrevista realizada em 02 de agosto de 2018, pela discente pesquisadora Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, da qual foi preservada sua identidade, usando um pseudônimo. A mesma continua exercendo a profissão de professora e reside no município vizinho a Serra do Mel, Mossoró-RN.

realizadas no tempo-comunidade. Somado a isso, a distância entre as vilas e a Escola, a falta de transporte, dificultavam ou até impossibilitavam esse acompanhamento.

Por outro lado, esse intenso convívio “familiar” no espaço da escola proporcionou a construção de outras relações, como analisa a professora Maria:

Eu acho também que apesar das dificuldades a gente criou aquele laço de amizade, uma afetividade, porque eu me sentia mãe de todos, sabe? (risos) Era um exagero, mas era verdade, eu me sentia mãe, a gente cuidava muito, a gente tinha muito cuidado, a gente tinha medo de acontecer alguma coisa, é se adoecesse, se, alguma coisa, a gente se envolveu tanto que tinha finais de semana que eles diziam assim: “Não, não quero ir pra casa, deixe eu ficar aqui?” E eu dizia: “fique”. (Maria, 2018)

Os laços de amizades relatados pela professora são ligações que transcendem o espaço físico da Escola e o tempo vivido nela, pois percebo na fala de alguns/algumas estudantes que o principal legado dessa Escola foram as amizades construídas e perpetuadas ao longo do tempo. Quanto a isso o ex-estudante Francisco¹⁸ (2018) confirma:

Foi uma experiência muito boa, até hoje eu ainda tenho amizade com várias pessoas que foram alunos da Escola, não é? E também com os professores, com os ex-professores, né? (...) Os meus amigos hoje ainda são os amigos daquele tempo da Escola Agrícola, né? As pessoas que estudaram na Escola, hoje, são praticamente, são todos meus amigos, né? São pessoas que assim, me conhecem, são pessoas que eu também tenho uma certa afinidade com essas pessoas e, assim, vou levar se Deus quiser pro resto da vida.

Assim como algumas famílias vivenciam crises, na EFAMEL não foi diferente, até porque onde existe um grande número de pessoas com pensamentos diversos, com múltiplas opiniões há de haver conflitos e desentendimentos. Segundo relatos dos/as entrevistados/as, haviam sim momentos tensos e conflituosos, mas que no fim se resolviam com respeito e conversa. Diz o ex-estudante Tiago¹⁹:

[...] Eram conflitos em que a gente conversava e se resolvia sempre em si, num nada que a gente possa dizer: Pô, isso aqui foi difícil. Não. Acho que os conflitos era (sic) sempre da idade mesmo, era sempre conversado, é, muito importante, sempre conversávamos muito, os professores da gente orientava

¹⁸ Ex-estudante da EFAMEL, no período de 1991 a 1993, em entrevista concedida em 25 de maio de 2018, à pesquisadora Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, do qual foi preservada a identidade, sendo usado um pseudônimo. Trabalha como funcionário público, residente do município de Serra do Mel/RN.

¹⁹ Ex-estudante da EFAMEL, no período de 1996 a 1999, entrevistado em 08 de maio de 2018, pela pesquisadora Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, do qual foi preservada sua identidade, sendo usado um pseudônimo. Hoje exerce a função de agricultor e também funcionário público, residente do município de Serra do Mel/RN.

(sic) muito bem. É, deixava a gente muito à vontade pra conversar, pra, pra expor algum problema que tivesse sentindo, que tivesse passando, e isso era muito importante. A gente sempre conversava, sempre resolvia no diálogo, na conversa, sempre, sempre (Tiago, 2018).

Ainda como prática pedagógica diferenciada a EFAMEL dispunha em seu currículo de três disciplinas específicas, eram elas Agricultura e Zootecnia e Educação Familiar, que tinha como objetivo de ensino, educar para a vida em sociedade, por meio de ensinamentos como boas maneiras, regras de convívio social, educação sexual, considerando que metade da vida dos/as estudantes se passava na Escola e que a educação empreendida por esta escola era pautada nos dogmas da igreja católica. Então essa disciplina era uma tentativa de institucionalizar orientações que seriam repassadas pelas famílias em seus lares.

A EFAMEL, portanto, empreendeu uma educação não só agrícola, mas familiar, contextualizada com a realidade vivida por seus/suas educandos/as, aproveitando a experiência dos mesmos nos aspectos agrícolas e sociais, compreendendo que a formação se faz na Escola e também na comunidade. Quanto a isso Cordeiro; Reis e Hage (2011, p. 120) afirmam:

A formação inclui e transcende o espaço escolar, e, portanto, a experiência torna-se um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes em que o sujeito assume seu papel de ator protagonista, apropriando-se individual e coletivamente do seu processo de formação.

Dessa forma, esse processo formativo anda de mãos dadas com a produção de identidades dos sujeitos envolvidos, considerando que suas experiências individuais e coletivas influenciaram decisivamente na constituição de sua identidade.

No capítulo que se segue abordarei esse processo de construção da identidade do sujeito e as influências do meio para essa construção.

4 PRODUÇÃO DE IDENTIDADES E CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

Com base nas proposituras de Hall (2005), posso afirmar que a identidade se forma com o tempo, através de processos variados, ou seja, não é algo que trazemos conosco quando nascemos. Dessa forma, a construção da identidade dos sujeitos atendidos na Escola Família Agrícola de Serra do Mel – EFAMEL, também se deu num tempo e num espaço, através das experiências individuais e coletivas, articuladas pelo projeto pedagógico da mesma.

Considerando os objetivos pedagógicos da EFAMEL, que eram ensino contextualizado, conexão de teoria e prática, incentivo à permanência dos/das jovens no campo, além da convivência familiar, é possível inferir que esses objetivos contribuíram de alguma forma para a formação da identidade campesina dos/das estudantes que fizeram parte dessa singular experiência educativa. Segundo Maheirie (2002, p.35): “O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social”. A autora define identidade como sendo características próprias de cada indivíduo produzida a partir das relações sociais:

A constituição da identidade tem a marca da ambiguidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um polo, ora para outro. A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos, ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose (MAHEIRIE, 2002, p. 41).

Segundo a autora a identidade não é algo puramente individual e que, embora seja uma especificidade do sujeito, também é coletiva por ser construída pela relação com o outro, em um determinado espaço e em um tempo específico, porém, essa identidade está em constante mudança. Partindo, pois, da ideia de Maheirie (2002) que o sujeito é visto como subjetividade objetivada, trataremos de destacar uma apreciação bastante pertinente para a compreensão de identidade que é o conceito de subjetividade, acentuado pela mesma autora: “[...] A subjetividade é compreendida como uma dimensão do sujeito, assim com objetividade que, relacionadas dialeticamente no contexto social, produzem o sujeito” (MAHEIRIE, 2002, p.37). Outra vez se confirma a opinião de que a partir da relação com o conjunto social, em um determinado espaço e em um determinado tempo, é que se constrói o sujeito.

Para tanto, se faz importante e necessário pensar em identificação, conceito que sugere que os indivíduos mais estão alguma coisa, do que são alguma coisa, considerando que a identificação é algo mutável, inconstante. A esse respeito Oliveira (2003, p. 119) discorre:

A noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva). [...] Nessa linha de raciocínio a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é um reflexo daquela.

No que se refere aos sujeitos desta pesquisa (ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários da EFAMEL), o contexto social em que estavam inseridos era, sobretudo, o campo, como espaço geográfico de vivência definido por Fernandes (2011) como sendo lugar de vida, onde as pessoas realizam suas atividades cotidianas e adquirem sua identidade cultural campesina. Além disso, o regime de semi-internato, utilizado na Pedagogia da Alternância, proporcionou a esses sujeitos um intenso convívio o qual se fez possível a identificação em relação ao outro, seja por afinidades, seja por (in) compatibilidade de ideias, sentimentos e gostos. Sendo assim, como aponta Oliveira (2003), a identidade social é um reflexo da identidade individual, uma se constrói em relação a outra, a partir dos comportamentos e das linguagens sociais.

Para fundamentar a discussão sobre o construto de identidade, é imprescindível também inferir a questão da linguagem que Vieira (2006, p.23) define como:

Algo que não é neutro, mas que é partir dela que alguns discursos são tomados como verdade e se colocam na episteme das sociedades, no 'verdadeiro' é a partir da linguagem que atribuímos significados ao mundo e estabelecemos quais desses significados são genuínos ou não.

É através da linguagem que nos identificamos como sujeitos que somos, nos afirmamos e negamos, sempre em relação ao outro. Daí a necessidade das relações sociais para construirmos nossas identidades, embora reconhecendo que seja passível de modificação. A linguagem social nos permite tomar posições, opiniões e significados, seja de afirmação ou de negação do discurso, assim tecemos nossa identidade, ou seja, com o que, ou como, nós nos identificamos. Nesse sentido, a EFAMEL teve importante papel na construção dessas relações que fundamentam nossa identidade.

Para entender os aspectos de identificação dos sujeitos, me validarei dos relatos das experiências dos ex-estudantes da EFAMEL, percebendo a importância da memória coletiva e

individual para rememorar acontecimentos vividos, pois, de acordo com Bosi (1993, p.280-281) “[...] a lembrança pura traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível, da vida [...] a memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Sendo assim segue relato de uma estudante a qual traz à tona suas memórias:

Bem, é, o convívio lá com os meus colegas era como família, irmãos, irmandade, na unidade, né? É uma questão em que a gente sabia dividir as coisas um para com o outro, né? E tinha essa questão de preocupação quando os outros tinha saudade de casa, né? Porque a gente passava quinze dias, né? Lá. E tinha com certeza aquela grande saudade, né? Do seio familiar. Mas a convivência fazia com que ali, é, suprisse essa questão da, dessa falta do seio familiar e se tornava uma nova família, né? E com os professores era aquela coisa muito harmônica, graças a Deus, eles eram bastante assim, era, contribuíam muito, né? Para o nosso crescimento, a preocupação conosco, né? E realmente foi uma coisa bastante assim, bem favorável, pra todos aqueles que passaram por esta, é, grande vivência familiar. (ANE, 2017)²⁰

É perceptível na fala dessa ex-estudante da EFAMEL que suas lembranças não são apenas individuais, incluem também outros sujeitos e a analogia que ela faz com o passado se dar em relação ao outro, enfatizando o convívio familiar experienciado nessa Escola, o que confirma que o construto da identidade envolve o outro, pois nos posicionamos em oposição ou por afinidade a alguém.

As ideias expostas acima me permitem ainda afirmar que as memórias são fragmentos de um passado vivido e experienciado particular e coletivamente, que permite a reconstrução da história individual e também coletiva. Reconstrução essa, presente nas falas dos principais sujeitos envolvidos nessa pesquisa, onde sempre fazem relação ao passado, e as experiências e vivências individuais e coletivas, pois como afirma Maheirie (2002) é a partir das relações vividas que a subjetividade constrói as experiências afetivas e reflexivas, produzindo assim significados singulares e coletivos para os sujeitos.

Indagado sobre as experiências vividas na EFAMEL o ex-estudante Francisco, narrou:

A contribuição foi muita, foi muita, eu sou o que sou hoje, graças a contribuição que a EFAMEL, né? A Escola me deu, né? Porque assim, eu, eu enquanto aluno daquela Escola, eu aprendi muitas coisas, né? Na questão de trabalhar socialmente, né? Na questão de trabalhar em grupo, né? Na Escola. Aprendi na Escola que a gente trabalhava todo mundo junto, né? E

²⁰ Ex-estudante da EFAMEL, no período de 1995 a 1998, entrevistada em 19 de outubro de 2017, pela pesquisadora Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, da qual foi preservada sua identidade, sendo usado um pseudônimo. Hoje a mesma desempenha a função de auxiliar administrativa e reside em Serra do Mel/RN.

isso aí levou, me trouxe, até o dia de hoje, porque, porque a gente vê que é o que nós temos é, de experiência daquela Escola, do que é que passou na Escola Agrícola foi muito, foi experiência muito boa, foi experiência de que pra trazer pra vivência do que a gente vive hoje, no município. (Francisco, 2018)

O estudante destaca que o que aprendeu na EFAMEL ultrapassa a perspectiva utilitária e imediata do conhecimento, pois conseguiu levar pela vida, porquanto, o mesmo desenvolve trabalhos em grupo em sua comunidade, que rompe e borra a lógica individualista capitalista, que tende a mercantilizar as relações. A EFAMEL não lhe possibilitou apenas os conhecimentos práticos para seu desempenho profissional, mas também, uma experiência de vida que mais tarde auxiliariam na sua atuação social e cidadã, no que diz respeito ao engajamento em trabalhos comunitários.

Para outros sujeitos a contribuição por parte dessa Escola pode ser percebida de outras formas, como aponta a fala do estudante a seguir:

Primeiro falando da questão profissional, é, dentro da agricultura, deu uma base muito boa, porque a gente tínhamos (sic) duas matérias específicas, né? Como a Zootecnia, né? E a Agricultura. Então a gente aprendeu bastante coisa, como, como o manejo do cajueiro, o manejo da terra, a criação de ovelha, né? (...) Como cidadão, essa foi extremamente importante, até mesmo porque a fase mais difícil da vida do ser humano, acredito eu que seja na adolescência, né? Entrei, eu entrei com treze anos, de doze pra treze anos, e sai com dezessete. É a fase mais complicada, mais difícil essa adolescência, então ela deu uma formação bacana, muito boa, porque ela fortalecia as amizades, a responsabilidade. (...) Fora a questão do cooperativismo, ser companheiro com os colegas, quando um adoecia, tinha um problema, a gente tá sempre perto, sempre conversando, isso foi de grande importância. (TIAGO, 2018)

Esse estudante aponta como contribuições para sua vida profissional e também para sua vida pessoal, os laços de amizades cultivados através da convivência intensa e enfatiza também a questão do fortalecimento do senso de responsabilidade. São elementos que compõem sua identidade e que foram possíveis de serem vividos a partir da metodologia da Pedagogia da Alternância e desse peculiar modelo de escola.

Ainda sobre contribuição pessoal, a estudante Lana²¹ afirma:

[...] Eu voltei de lá outra pessoa, lá era uma escola família, né? Família Agrícola de Serra do Mel e a gente era muito bem trabalhado quanto a isso lá

²¹ Ex-estudante da EFAMEL, no período de 1990 a 1993, entrevistada em 19 de abril de 2018, pela pesquisadora Maria Rosivania Pereira Feitosa Duarte, da qual foi preservada sua identidade, sendo usado um pseudônimo. Funcionária pública e residente do município de Serra do Mel/RN.

na Escola, era uma família mesmo. Eu agradeço hoje, assim parte do que eu sou, ao que aprendi e vivi lá na Escola. [...] Contribuiu, porque eu era assim meio rebelde, era muito é, individualista. Lá não, eu vi que era diferente, cê tinha que fazer sua parte, colaborar com o colega, é, não tinha que ser egoísta, eu sei que mudou muita coisa. (LANA, 2018)

Para essa estudante, a EFAMEL contribuiu de forma a fazê-la se reconhecer como egoísta, e a modificar suas ações por meio das regras e normas de convivência, pois, nesta escola tudo era partilhado e as tarefas feitas de modo coletivo. Sendo assim, reconhecendo um elemento da sua identidade que se mostrou na relação com o outro, e que foi possível modificar, pois como diz Maheirie (2002), a identidade é mutável, ou seja, passível de mudança de acordo com o tempo, espaço e da relação com o outro.

Em análise dos relatos das experiências vividas nessa Escola pelos/as estudantes entrevistados/as, posso perceber que cada sujeito relatou contribuições diferentes para formação da sua identidade. Embora todos/as tenham vivenciado a mesma metodologia, cada um/a atribuiu significados diferentes para as experiências vividas. Indagados/as sobre as contribuições dessa Escola para suas vidas, enfatizaram aspectos variados: convívio familiar, trabalho coletivo, ensino contextualizado. Enfim, cada estudante percebe aspectos distintos para a construção de suas identidades.

Muitos foram os aspectos de contribuição da EFAMEL para com a formação da identidade dos sujeitos alvos dessa experiência pedagógica. O que se evidencia em todos os relatos dos/as entrevistados/as é que o que prevaleceu foram os pontos positivos dos momentos experienciados, ou pelo menos é o que se tem nas suas narrativas.

No item seguinte relatarei minha experiência como estudante desta Escola, assim como as contribuições para produção e construção da minha identidade.

4.1 Contribuições da EFAMEL para minha identidade

Como diz Albuquerque Júnior (1994, p.44): “O ato de lembrar, é sobretudo o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço. [...] As memórias, portanto constroem identidades, a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente”. No que se refere as minhas memórias do tempo de 1995 a 1998, anos em que estudei na EFAMEL, posso afirmar que muito do que estou hoje, tem referências desse tempo e desse espaço. Partindo disso, pretendo a partir de agora evocar minhas lembranças para reconstituir minha identidade e ao mesmo tempo como pesquisadora violentar essa identidade para diferenciá-la e contar uma história vivida, experienciada.

A EFAMEL teve grande importância e influência na construção da minha identidade. Por qual motivo faço essa afirmação? Primeiro porque estudei nessa Escola em uma fase da minha vida de muitas transformações, a adolescência, onde tive que me ausentar do convívio da minha família, pois a Escola funcionava em regime de semi-internato. Essa ausência foi um desafio muito grande, pois nunca tinha saído de perto de minha mãe e de meu pai. No entanto, essa experiência se converteu em uma rica aprendizagem, no sentido de que aprendi a “me virar” sozinha, comecei a desenvolver minha responsabilidade, tinha que me cuidar: ao entrar na escola, eu era responsável por arrumar minha cama, cuidar de minhas roupas e objetos pessoais, saber o horário em que tinha que ir para sala de aula, enfim, tudo era por minha conta.

Em segundo lugar, na EFAMEL pude desenvolver também a capacidade de me relacionar com os outros, não que em outras escolas eu não me relacionasse, relacionava sim, só que de modo superficial. Na experiência escolar da EFAMEL, as relações em sua maioria se davam de forma intensa e constante, dormíamos, acordávamos, comíamos, estudávamos, brincávamos fazíamos nossas tarefas, sempre juntos, então estávamos sujeitos às relações fortes, intensas, seja de amizade, afeição, seja de inimizade, ou antipatia. Dessa forma, eu era obrigada a aprender a lidar com essas questões de diferenças de opiniões, de comportamentos e sentimentos diversos que envolvem as relações sociais. A partir dessa convivência, aprendi a respeitar as diferenças e opiniões de cada um/a.

Um terceiro aspecto dessa experiência que influenciou bastante na minha formação foi a forma didático-metodológica que a EFAMEL utilizava em seu ensino. A metodologia da Alternância me possibilitou fazer um intercâmbio entre a escola e minha comunidade, através das pesquisas que nos eram solicitadas, as experiências trazidas da escola para serem aplicadas em nosso quintal, o aprendizado específico que nos era ensinado, como o manejo de animais e plantas. Tudo isso fazia com que eu valorizasse o meu entorno, o meu lugar, apesar de não querer nenhuma profissão que tivesse a ver com a agricultura, aprendi a dar a devida importância a natureza, ao campo.

Destaco ainda outras contribuições para minha formação cidadã e profissional como o respeito ao meio ambiente, a preferência por práticas sustentáveis de manejo da natureza, assim como a compreensão da importância da permanência no campo, o que contribuiu para minha permanência no município de Serra do Mel/RN. Saliento ainda outras questões como conduta social, honestidade, respeito aos idosos, aos/as professores/as, engajamento em grupos ou movimentos sociais, enfim, preceitos defendidos e ensinados na EFAMEL e que

foram reforçados pela educação recebida de minha família, mas que não tive oportunidade de contato em outras escolas, as quais frequentei durante minha vida.

Diferentemente de meus colegas que rememoraram apenas aspectos positivos para construção da identidade de cada um/uma, compreendo que seja qual for a experiência humana de relações, haverá algo de incômodo, que provoca sensações desagradáveis, sentimentos angustiantes. Como exemplo posso citar a questão do *bullying*²² que naquela época não tinha essa denominação, mas que causava dor e constrangimento a quem era alvo dessa atitude e a quem presenciava. Na EFAMEL, não só fui vítima dessa atitude devido a meu porte físico (alta e magra), a partir de apelidos, como também presenciei outras pessoas sofrendo por isso. Apesar de ter superado, sinto que esse acontecimento me deixou marcas, do contrário não estaria aqui relatando. Outro ponto angustiante que posso aqui citar é o fato de as dificuldades financeiras que a Escola passava, pois refletia no bem-estar dos/as estudantes: por vezes nossas refeições resumiam-se ao feijão e arroz que nossos pais doavam, e isso implicava na falta de concentração nas aulas, na vontade de voltar para casa.

Foram momentos difíceis que superamos devido ao fato de dividirmos o que levávamos de casa para a escola (frutas, biscoitos) com quem não tinha condições de levar algum alimento. Isso fortaleceu nossos laços, pois dividir as dificuldades nos aproximava ainda mais e aos poucos compunha nossa identidade, no aspecto relacionado a lealdade e amizade. Talvez por esse motivo meus/minhas colegas não citam os pontos negativos em suas narrativas, porque até o que era negativo/ difícil de enfrentar, conseguíamos converter em experiências positivas, dada as intensas relações de afetos construídas na EFAMEL. Com pretensão poética, podemos dizer que os momentos difíceis divididos foram amenizados e os momentos bons compartilhados são multiplicados.

Portanto, acredito que as contribuições deixadas pela EFAMEL para a construção da minha identidade devem-se principalmente à dinâmica, ao funcionamento e organização dessa Escola, além dos objetivos pedagógicos que se pretendia com o ensino contextualizado, a convivência familiar e junção da teoria aprendida em sala de aula com a prática vivenciada na comunidade.

A experiência escolar que tive na EFAMEL, remonta sempre a outras pessoas, como colegas, professores/as e funcionários/as, como fragmentos de vivências individuais porque partem de mim, mas são coletivas, porque envolvem sempre o outro. Como diz Albuquerque Júnior (1994, p.41):

²² Conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais sem motivos aparente, adotado por um ou mais estudante contra outro/a causando angústia, dor ou sofrimento (QUINTANILHA, 2011, P.38).

As memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual ou coletiva, mas sim como pontos de intersecção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais e por isso falar duma Memória como unidade subjetiva, como individualidade e não com subjetivação é esquecer que esta é composta de fragmentos de múltiplas vivências e experiências ao nível individual ou coletivo que são retrabalhados neste diálogo constante entre indivíduo e sociedade, entre passado e presente. As memórias são individuação ou subjetivação e não individualidades ou subjetividades.

A EFAMEL possibilitou intensamente essa convivência social e humana, e a memória dos que viveram essa experiência é, pois, subjetivação, composta por retalhos de vivências individuais e coletivas, que se fazem a partir da relação com o outro e da analogia do passado com o presente, considerando que a identidade campesina desses sujeitos é construída a partir da memória do passado vivido. Esses aspectos da convivência encontram-se nas falas dos demais estudantes que fizeram parte dessa pesquisa, assim como também dos/das professores/as. Por isso, é válido afirmar que a lembrança, segundo Albuquerque Júnior (1994, p.43), é produto do trabalho e da inteligência em que o narrador conta algum fato ou acontecimento de sua vida, como sendo uma experiência individual, um ponto de vista de cada um sobre o passado.

Apesar de ter vivido acontecimentos, situações ou experiências coletivas, cada pessoa emprega um significado particular àquela lembrança, cada sujeito tem memórias voluntárias (lembrança consciente) ou involuntárias (reminiscência, aparições irrepetíveis) de algo que de fato lhes significou (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1994). O que compõe nossa identidade e nos denotou transformações se configuram como marcos espaço-temporais. É nesse sentido que afirmo que no tempo de 1995-1998 e no espaço da EFAMEL, parte da minha identidade estava sendo construída, no entanto, essa construção é contínua, pois identidade não é algo fixo, imutável, está sempre em constante transformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após considerar as análises expostas neste trabalho, a partir do aporte teórico estudado e das falas dos sujeitos entrevistados, pude alcançar os objetivos propostos no início de minha pesquisa: o fato de concluir que a EFAMEL tem forte relação com a construção da identidade dos/as ex-estudantes que vivenciaram sua prática pedagógica.

Ao descreverem suas memórias os/as ex-estudantes da EFAMEL fazem menção ao que viveram e aprenderam nessa Escola, como tendo consciência que estas foram as contribuições para suas formações, nesta fase das suas vidas, a partir deste modelo educacional singular e incomum, assim como pelas relações que construíram ao longo desse processo.

A partir da primeira análise, na qual investiguei os processos de fundação, implantação, e sua forma de organização, assim como seu fundador e o objetivo pelo qual o mesmo constrói uma Escola Família Agrícola em Serra do Mel, pude compreender que a EFAMEL nasce em um contexto peculiar, em um município caracterizado por uma situação educacional precária e complexa, no intuito de transformar vidas, relações, maneiras de enxergar o campo, a fim de se reconhecer como protagonista desse processo, conforme ratifico na segunda análise desse trabalho.

Na segunda apreciação, trouxe reflexões acerca da prática pedagógica da EFAMEL, da qual concluo que sendo uma prática diferenciada, pautada na Pedagogia da Alternância, contribuiu de forma singular e autêntica para formação pessoal e profissional dos sujeitos atendidos nessa Escola. A contribuição para formação dos/das estudantes no aspecto pessoal foram principalmente a produção do senso de responsabilidade, o respeito às pessoas e suas diferenças, no que se refere à etnia, religião, como também a aprender viver no coletivo, dividindo, compartilhando. Quanto à da identidade campesina, a EFAMEL permitiu que os/as estudantes aprendessem a valorizar seu espaço de vivência, o campo, enxergando que é possível e viável viver bem no campo, produzindo e tecendo relações e saberes.

Dessa forma, posso afirmar que a EFAMEL foi muito importante para a construção da identidade dos/as envolvidos/as nesse modelo educacional, aos quais pude ter como colaboradores/as. A partir das proposições teóricas apresentadas e defendidas no percurso desse trabalho, constatamos que a identidade se constrói em um determinado tempo, em um determinado espaço, e também se faz em relação ao outro; a identidade pessoal se constrói a partir do contexto a qual esteja inserido, ou seja, a forma como os/as estudantes da EFAMEL

se identificam em seus discursos, diz um pouco sobre o conjunto social a qual os/as mesmos/as estavam ou estão inseridos/as.

Como afirma Hall (2005), as identidades formam-se com o passar do tempo, a partir de múltiplos processos. Considerando essa teoria, a experiência na EFAMEL compõe um fragmento de tempo vivido nessa escola, porém, um fragmento significativo no que diz respeito às ressonâncias deixadas para vida de cada um, de cada uma. A EFAMEL conseguiu cumprir em grande medida, com o objetivo a que se propunha de formar cidadãos que valorizassem o meio rural, que conseguissem respeitar as outras pessoas, que aprendessem a partilhar objetos, sentimentos, conhecimentos. Neste sentido, posso afirmar que a EFAMEL, em seus mais variados aspectos, contribuiu de modo ímpar para a construção dos sujeitos atendidos durante sua existência, assim como para formação da identidade campesina dos/as ex-estudantes que participaram desse modelo pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Violar Memórias e Gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. In. **CLIO-Revista de Pesquisa Histórica da UFPE**. Recife: Universitária, n.15, 1994.
- BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In. **Revista Eletrônica do Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br>>. Acesso em 11 de maio de 2017.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos. In. **Psicologia USP**, São Paulo, Companhia das Letras, 3º edição, 1993, p. 277-284. Disponível em <https://www.revistas.usp.br> Acesso em 18 de maio de 2017.
- Brasil. Lei nº 11.274, de fev. de 2006. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade**, Brasília, DF, fev. 2006. Disponível em: <www.planalto.gov.br> , acesso em 5 de março de 2019.
- CHAVES, Kênia Matos da Silva; FOSCHIERA, Atamis Antônio. Práticas de Educação do Campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa Familiar Rural e escola itinerante. In. **Revista Pegada** – vol. 15 n.2 dez/2014. Disponível em <<https://revista.fct.unesp.br>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.
- CORDEIRO, Georgina N. K.; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. In. **Em aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011. Disponível em <<https://www.emaberto.inep.gov.br>>. Acesso em 25 de abril de 2017.
- FERNANDES, Bernardes Mançano. Diretrizes de uma Caminhada. In. _____. **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 5. ed, 2011. p. 134-145.
- GALVÃO, Iapony Rodrigues. Uma análise da mecanização das salinas e o decréscimo da população total e urbana de Macau/RN entre 1970 e 2000. In. **Encontro Nacional de Geógrafos**, 18., 2016, São Luís/MA. A construção de Brasil: geografia, ação política e democracia. São Luís: [s.n.], 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed – São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História, Memória e Práticas de Espaço. In. **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina, 2005. Disponível em: <[https://www.cienciaparaeducacao.org](http://www.cienciaparaeducacao.org)> Acesso em: 10 de maio de 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-48.
- LIMA, Lillyan Pereira. **Serra do Mel, um projeto de “vidas”**: o impacto do projeto de colonização planejada da Serra do Mel no cotidiano das famílias assentadas. 2003. 54 p.

Monografia – Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.pepsic.bvsalud.org> Acesso em: 18 de maio de 2017.

MENEZES, Rachel Reis. **As escolas comunitárias no município de Jaguaré: um estudo sobre a expansão da pedagogia da alternância no estado do Espírito Santo**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *et al.* **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MONTERO, Paula. Antonio Colbacchine e a etnografia salesiana. In. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n.64, p. 49-64, jun. 2007.

NOSELLA, Paolo. **Educação do Campo: Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. As origens da educação no Brasil Da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. In. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 945-958, out./dez. 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, étnica, identificação e manipulação. In. **Sociedade e Cultura**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2003, p. 117-131. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo>> , acesso em 19 de maio de 2017.

QUINTANILHA, Clarissa Moura. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. 2011. 68 p. Monografia – Departamento de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2011.

RODRIGUES, Rogério Costa. Formas de cooperativismo rural em Israel. In. **Revista de Informação Legislativa**, mar. 1964. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br> , acesso em 5 de março de 2019.

SILVA, Anier Tony de Figueiredo. **A ação educacional dos salesianos em Natal (1936-1950)**. 2005. 74 p. Monografia. Núcleo de Estudos Históricos, arqueológicos e de documentos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. In. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. **“A única coisa que nos une é o desejo”: produção de si e sujeitos do desejo na vivência do homossexualismo em Campina Grande/PB**. 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande/PB. 2006.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o fundador da EFAMEL.

- 1) Como surgiu a ideia de fundação uma EFA na Serra do Mel?
- 2) De onde vieram os recursos financeiros para a construção dessa escola?
- 3) Como se deu o processo de construção e implantação da EFAMEL?
- 4) Qual o projeto ou propósito de funcionamento da escola?
- 5) Como era a gestão da EFAMEL?
- 6) Como se deu a construção do Projeto Político Pedagógico da EFAMEL? Participou dessa construção?
- 7) Como se deu a contratação dos/as docentes da EFAMEL?
- 8) Por que a EFAMEL fechou? Como aconteceu?
- 9) Na sua opinião, quais os efeitos para o ensino de Serra do Mel com o fechamento da EFAMEL

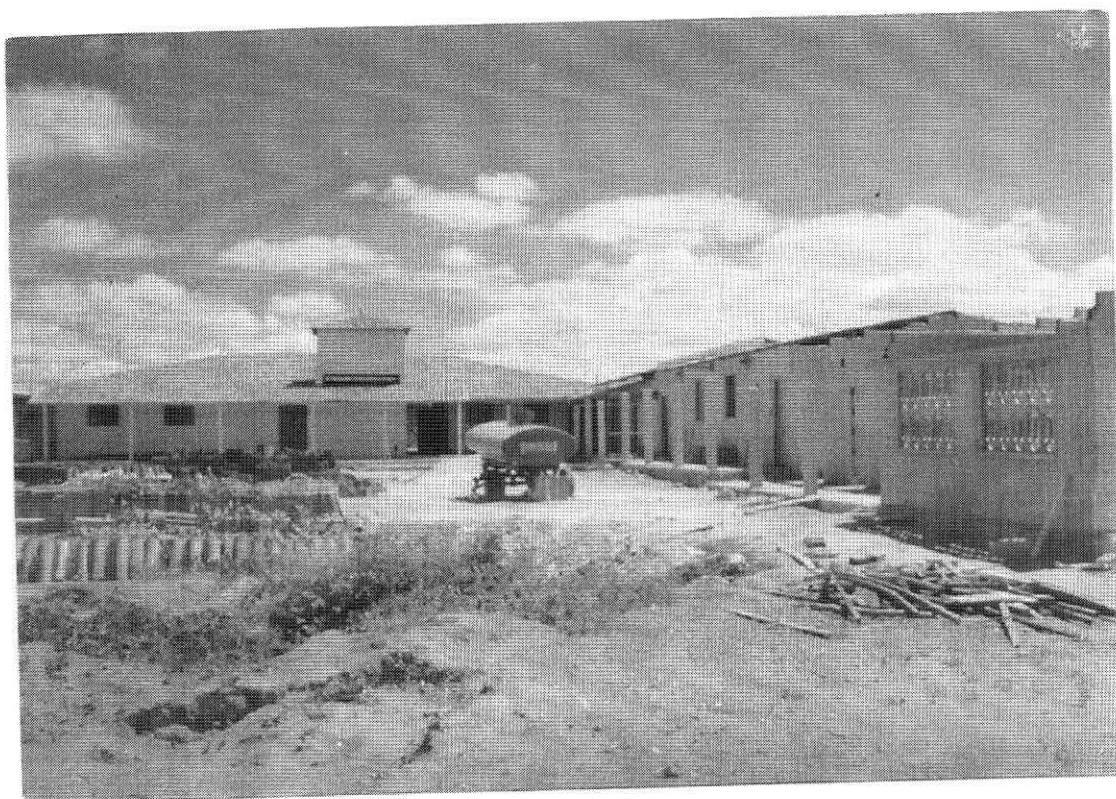
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com ex-professores da EFAMEL.

- 1) Nome?
- 2) Disciplina e ano que lecionou?
- 3) Como chegou à EFAMEL e como foi a experiência de ser docente da escola?
- 4) Como você caracteriza o Projeto Pedagógico da EFAMEL?
- 5) Qual a relação entre o PPP da EFAMEL e a formação profissional na Serra do Mel?
- 6) Na sua opinião a EFAMEL contribuiu para a formação de identidade de seus alunos?
Se sim, como? Se não por que?
- 7) Como se deu a contratação dos/as docentes da EFAMEL?
- 8) Na sua opinião, quais os efeitos para o ensino de Serra do Mel com o fechamento da EFAMEL?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com ex-estudantes da EFAMEL

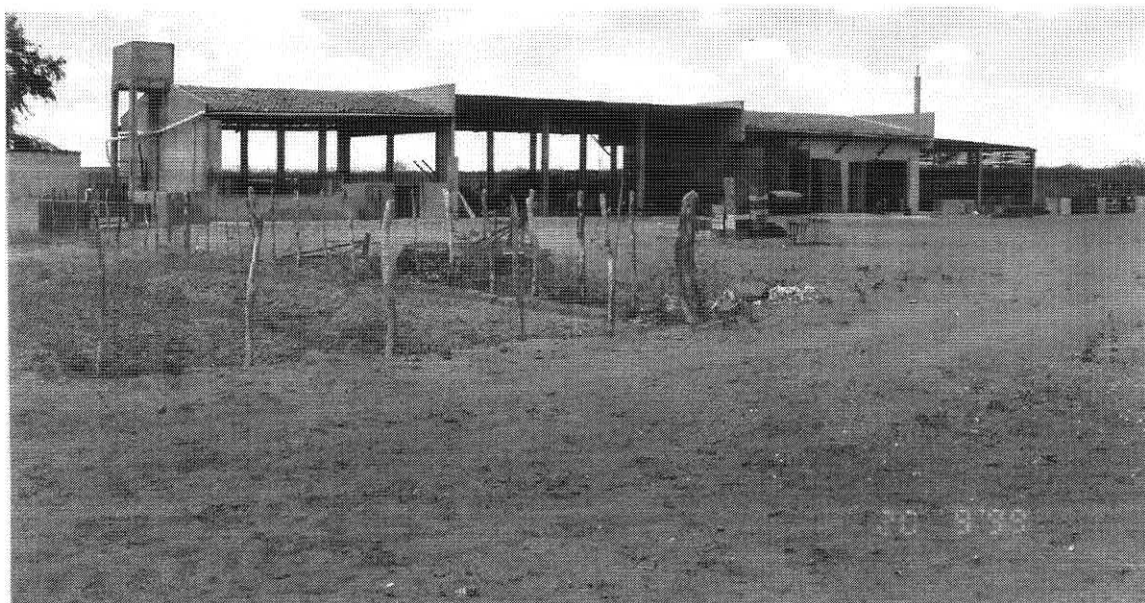
- 1) Qual seu nome completo?
- 2) Qual o ano que estudou na EFAMEL?
- 3) Qual sua data de nascimento?
- 4) Qual a sua profissão?
- 5) Me fale um pouco como chegou até a EFAMEL, porque escolheu estudar nessa escola?
- 6) Havia diferença no ensino da EFAMEL e no ensino das outras escolas de Serra do Mel? Se sim, quais? Se não, o que era igual?
- 7) Qual a contribuição da EFAMEL para a sua formação profissional e cidadã?
- 8) Como foi a sua experiência de convívio com colegas e professores na EFAMEL?
- 9) A EFAMEL contribuiu para a sua formação enquanto sujeito/pessoa? Se sim, como? Se não por que?
- 10) Tem alguma coisa que eu não tenha perguntado que você gostaria de falar?

ANEXO A – Foto da EFAMEL em fase de construção.



Fonte: arquivo pessoal.

ANEXO B – Foto do galpão de armazenagem da EFAMEL.



Fonte: arquivo pessoal.

ANEXO C – Foto da frente do prédio principal da EFAMEL.



Fonte: arquivo pessoal.

ANEXO D - Foto de estudantes em aula prática.



Fonte: arquivo pessoal.

ANEXO E – Foto de estudantes em sala de aula.



Fonte: arquivo pessoal.